

A FUNÇÃO DA ESCOLA NO PÓS-PANDEMIA – O QUE DIZEM AS(OS) PROFESSORAS(ES) DA REDE PÚBLICA DO DISTRITO FEDERAL?

Tayane Dias Gomes Pessoa¹

Ana Júlia de Jesus Nunes²

Kátia Augusta Curado Pinheiro Cordeiro da Silva³

Maria Letícia Leocádio Silva Cavalcanti⁴

Este trabalho apresenta os resultados iniciais de uma pesquisa sobre o trabalho docente no contexto do pós-pandemia, vinculada ao Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia (INCT) e desenvolvida, desde 2022, pelo Grupo de Estudos e Pesquisas sobre a Formação de Professores/Pedagogos (GEPPAFe) da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (FE-UnB). Como segunda etapa da investigação iniciada pelo grupo, o GEPPAFe têm realizado, ao longo de 2025, rodas de conversa com as(os) professoras(es) da rede pública do Distrito Federal, a fim de compreender as novas determinações sobre o trabalho docente frente às transformações ocasionadas pela emergência da pandemia de Covid-19, decretada em 2020 pela Organização Mundial de Saúde (OMS). Partindo da compreensão de que a metodologia das rodas de conversa propicia um diálogo mais próximo com os sujeitos que nela estão integrados, a condução da dinâmica nesses espaços tem-se realizado por intermédio de perguntas relacionadas aos seguintes elementos norteadores - rotina de trabalho, formação continuada, processos emocionais, trabalho docente, organização do trabalho pedagógico, relação professor-aluno, relação professor-comunidade escolar e condições de trabalho. O presente trabalho tem como foco as reflexões das(os) docentes participantes sobre as percepções da comunidade escolar (estudantes, famílias, professoras(es) acerca da função da escola no contexto do pós-pandemia. À luz da fundamentação teórico-metodológica propiciada pelos estudos de Cury (1987), Gramsci (2011), Libâneo (2012), Frigotto (2018), Saviani (2007), Curado Silva e Cruz (2021), a análise do material produzido a partir da interlocução com as(os) docentes aponta para o predomínio de uma visão de escola relacionada ao acolhimento, à produção de resultados pragmáticos e ao fortalecimento de um currículo orientado pela aquisição de habilidades e competências. Tem-se, portanto, processos de continuidade e ruptura no que tange à compreensão da função da escola pública.

Palavras-chave: Função da escola, Rede pública do Distrito Federal, Escola pública

INTRODUÇÃO

O período da pandemia de Covid-19, caracterizado como uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional, trouxe inúmeros desafios para a educação pública, a partir da combinação da necessidade de restrição às atividades presenciais e o aprofundamento de

¹ Doutoranda do curso de Doutorado em Educação da Universidade de Brasília- DF, tayane.gomes2@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade de Brasília – DF, anajjnunes92@gmail.com;

³ Doutora pelo Curso de Doutorado em Educação da Universidade Federal da Goiás – GO, katiacurado@unb.br;

⁴ Mestra pelo Curso de Mestrado em Educação da Universidade Federal de Pernambuco-PE, leticia13leocadio@gmail.com;



desigualdades históricas sobre as quais se assenta a educação brasileira. A escola pública, enquanto espaço formativo primordial, viu-se na necessidade de se readequar de forma emergencial para atender às demandas ampliadas relativas à aprendizagem, acolhimento e, em alguma medida, uma inclusão digital permeada de contradições. Considerando esse quadro de intensas transformações impostas à escola pública, e as contradições delas decorrentes, este estudo busca compreender de que forma a compreensão da comunidade escolar sobre a função da escola se altera a partir das mudanças vivenciadas ao longo da pandemia.

Trata-se do resultado preliminar da segunda etapa da pesquisa “Impactos da pandemia sobre o direito à educação e a reconfiguração do trabalho docente”, vinculada ao Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia (INCT), ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), e desenvolvida, desde 2022, pelo Grupo de Estudos e Pesquisas sobre a Formação de Professores/Pedagogos (GEPFAPE) da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (FE-UnB).

O processo de investigação adotado na pesquisa, de caráter qualitativo, assenta-se no materialismo histórico e dialético como fundamento teórico-epistemológico, por compreendermos que nenhum fenômeno pode ser apreendido em suas especificidades apartado das totalidades que o compõem e das quais é expressão concreta. Dessa forma, a análise se desenvolveu a partir da unidade entre teoria e empiria — partimos das falas de professoras da rede pública do Distrito Federal em direção a categorias empíricas mediadas pelas categorias teóricas pertencentes à tradição marxista (Netto, 2006). Os resultados iniciais apontam para transformações na compreensão sobre os sentidos atribuídos ao papel que a escola desempenha na formação dos sujeitos históricos.

REFERENCIAL TEÓRICO

A investigação sobre os fundamentos histórico-ontológicos da relação trabalho-educação apontam para o fato de que a origem da educação coincide com a própria origem humana, pois tem início à medida que o ser humano aprende a produzir a própria existência. Com o desenvolvimento da produção, da divisão social do trabalho, a apropriação privada da terra, tem início a divisão da sociedade em classes. Essa divisão entre proprietários e não proprietários se



estende à educação, que deixa de ser vinculada ao trabalho enquanto produção da vida. A antiguidade representa a ascensão desse novo tipo de educação dividida entre as atividades intelectuais, vinculadas aos proprietários, e a educação aprendida no próprio processo de trabalho, dos povos escravizados e dos serviçais. Esse modelo de educação dá origem à escola que, inicialmente era um espaço reservado a quem dispunha de tempo livre e podia praticar o ócio. É a partir desse modelo que se institucionaliza a escola, que passa por inúmeras mudanças ao longo dos séculos, num complexo processo de rupturas e continuidades que se relacionam centralmente às mudanças nos modos de produção. É na Revolução Industrial que se passa a viabilizar o acesso e propagação de uma cultura intelectual indispensável à consolidação e expansão do modo de produção capitalista — os países de capitalismo desenvolvido generalizam a escola básica e a transformam na principal forma de educação, pois a introdução de novos maquinários demandava a necessidade de um nível mínimo de qualificação geral. A escola, nos marcos desses processos históricos, passa a ser essencial não só para o desenvolvimento das forças produtivas, mas para que o que se convencionou chamar de cidadania (Saviani, 2007).

Frente a esse breve retrospecto, a partir do qual é possível situar elementos referentes à constituição e transformação da escola ao longo do tempo, torna-se evidente que há determinações estruturais que conformam suas funções sociais em cada período histórico. Nesse sentido, compreender a função social da escola implica em analisá-la no bojo do processo produtivo que a engendra, exercício intelectual assumido por diversos autores, a exemplo de Frigotto (2018) que, no exame das relações entre educação e a estrutura econômico-social capitalista, desenvolve sua própria tese sobre a função social da escola, contrastando-a com a concepção derivada da teoria do capital humano, que concebe a escola como instância produtiva e funcional ao desenvolvimento econômico, a partir da compreensão da educação como fator de produção. É no contraponto a essa corrente que o autor empreende o percurso teórico de constituição de sua aceção sobre a função da escola:

partimos da suposição de que a escola, ainda que contraditoriamente, por mediações de natureza diversa, insere-se no movimento geral do capital e, neste sentido, a escola se articula com os interesses capitalistas. Entretanto, a escola, ao explorar





igualmente as contradições inerentes à sociedade capitalista, é ou pode ser um instrumento de mediação na negação destas relações sociais de produção. Mais que isso, pode ser um

Encontro Nacional das Licenciaturas
IX Seminário Nacional do PIBID

instrumento eficaz na formulação das condições concretas da superação destas relações sociais que determinam uma separação entre capital e trabalho, trabalho manual e intelectual, mundo da escola e mundo do trabalho (Frigotto, 2018, p.34).

Essa concepção se alinha à desenvolvida por Curado Silva e Cruz (2021), que defendem que

em cada formação social concreta, desenvolvem-se projetos diferenciados para a instituição escolar, aos quais correspondem concepções diferenciadas de professor, ora para atender as demandas do sistema social e produtivo dominante, ora como elemento constituinte da proposta contra-hegemônica de sociedade que objetiva a reversão das relações sociais capitalistas e, mais especificamente, dos projetos pedagógicos existentes (p.1)

À luz dos pressupostos defendidos pelos autores, compreendemos que a escola é um espaço disputado por distintos projetos formativos, dado que se trata de uma instituição social atravessada pelas relações sociais capitalistas, à medida que produz forma de consciências indispensáveis ao funcionamento e contínua expansão desse modo de produção, mas que também “pode articular-se com outros interesses antagônicos ao capital” (Frigotto, 2018, p.35), abrindo caminho para a sua superação.

Nessa direção, o presente trabalho se orienta pela busca da compreensão sobre a função da escola no pós-pandemia a partir da perspectiva das(os) professoras(es) da rede pública do Distrito Federal.

METODOLOGIA

Como já sublinhado, a fim de alcançar os objetivos propostos, adotamos as chamadas rodas de conversa como metodologia para a produção de dados e reflexão coletiva na pesquisa qualitativa em educação, que nos possibilita compreender o sentido que os sujeitos encontram no fenômeno estudado (Oliveira e Gama, 2024). Nesse sentido, o procedimento que orientou as rodas de conversa consistiu, primeiramente, na delimitação prévia de questões norteadoras a partir dos seguintes eixos: rotina de trabalho, formação continuada, processos emocionais, trabalho docente, organização do trabalho pedagógico, relação professor-aluno, relação professor-comunidade escolar e condições de trabalho. As questões poderiam ou não ser utilizadas da forma como foram inicialmente elaboradas, a depender do desenvolvimento das rodas de conversas, prezando sempre pela garantia da abordagem dos eixos.





Até o momento, o grupo realizou uma roda de conversa piloto, durante a 24ª Semana Universitária da Universidade de Brasília, em novembro de 2024, e outras quatro rodas e

quatro regiões administrativas distintas ao longo de 2025, três em escolas de anos iniciais do Ensino Fundamental e uma em uma escola de Ensino Médio, todas realizadas em horário de coordenação pedagógica. Todas as rodas de conversa foram gravadas em áudio e transcritas pelo grupo de pesquisa, mediante autorização escrita dos professores participantes.

Apesar de a pesquisa ter como foco as transformações no trabalho docente no pós-pandemia, outros importantes elementos referentes às mudanças no contexto escolar foram apontados durante as atividades realizadas. Um deles diz respeito às mudanças na compreensão da função da escola, apontadas pelas(os) professoras(es) participantes da pesquisa, objeto deste trabalho.

O material foi analisado com base nos pressupostos do materialismo histórico e dialético, que compreende os fenômenos em sua articulação entre aparência e essência (Kosik, 2002), exigindo a investigação referente às determinações que os produzem. Nesse sentido, iniciamos o trabalho de análise com a leitura coletiva das transcrições das rodas de conversa, num processo de observação da empiria a partir do qual destacamos elementos centrais relativos à compreensão à função da escola no pós-pandemia. As ideias presentes nas falas das professoras foram agrupadas de acordo com o sentido atribuído ao fenômeno, ou seja, à função da escola no contexto pós-pandemia; esse sentido diz respeito à percepção que as professoras têm de como a comunidade enxerga a escola. Nesse processo, buscamos compreender os indícios das determinações manifestadas nas falas, agrupando-as pelo conteúdo e sentido que expressam, em categorias empíricas iniciais. A partir dessa categorização empírica, procedemos com uma aproximação dialética junto às categorias teóricas da tradição marxista, que “[...] são conceitos básicos que pretendem refletir os aspectos gerais e essenciais do real, suas conexões e relações. Elas surgem da análise da multiplicidade de fenômenos e pretendem um alto grau de generalidade” (Cury, 1987, p.21). Elas possibilitam, portanto, a compreensão dos fenômenos, dado que se expressam como instrumentos de leitura da realidade. Dessa forma, procuramos constituir essas análises orientadas pela seguinte questão - de que forma as manifestações das(os) professoras(es) da



rede pública do Distrito Federal expressam as determinações sociais as quais estão intrinsecamente vinculadas?

Nesse sentido, a próxima sessão deste trabalho procura explicitar as falas das(os) docentes em uma articulação com as proposições teóricas que embasam nossa perspectiva analítica. Por questões éticas, a fim de assegurar o anonimato das(os) participantes, substituímos os

nomes reais por códigos de identificação iniciados em “P”. Da mesma forma, os nomes das escolas foram substituídos pelas identificações E1, E2, E3 e E4.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir dos procedimentos teórico-metodológicos descritos, chegamos a duas categorias empíricas iniciais relativas à compreensão sobre a função da escola no pós-pandemia: a escola como espaço de acolhimento de demandas emocionais e a escola como espaço de importância e não reconhecimento.

No que concerne ao sentido da escola como espaço de acolhimento de demandas emocionais, as falas se direcionam para a percepção de que ela hoje se configura fortemente como uma instituição em que estudantes e famílias buscam apoio para questões emocionais e psicológicas intensificadas pela pandemia, como ansiedade, depressão, mutilação e conflitos familiares.

P1-E3 A gente tinha crises de ansiedade coletiva dos alunos ficarem aqui no pátio, um monte de cinco, seis alunos chorando. Hoje ainda temos. Essa semana mesmo teve um dia que teve duas alunas com ansiedade, então os alunos ficaram mais ansiosos.

P1-E4 Desde que eu vim para essa escola, que também coincidiu com pós-pandemia, eu vejo um grau de ansiedade muito grande nas crianças e nos pais, então tudo toma uma proporção muito maior. Coisas que anteriormente a gente tratava com mais leveza, conversava ali, resolvia. Hoje em dia marca-se reunião, exige-se ata e aí fica um discurso longo e exaustivo.

São significativas as falas que descrevem relatos de estudantes com crises de ansiedade, sejam crianças pequenas ou adolescentes. Esses episódios se dão, segundo as(os)





docentes, em função tanto de demandas cotidianas, como a realização de uma tarefa, ou a partir da dificuldade de socialização com os demais estudantes. Observa-se a função da escola é reconfigurada de modo que se priorize o suporte emocional aos estudantes e famílias. As falas revelam ainda um sentimento de ausência do poder público no atendimento dessas demandas, à medida que apontam que, apesar do encaminhamento desses casos para o atendimento na rede pública de saúde, há indisponibilidade de profissionais no quadro que possam atendê-las.

Enquanto espaço de formação humana, a escola necessariamente possui conflitos que perpassam o trabalho pedagógico, observamos, no entanto, dois elementos centrais — há um deslocamento do trabalho pedagógico para a incorporação de demandas sociais marcadas pela ausência do Estado na garantia do atendimento a direitos sociais das crianças e suas famílias, como o acesso a saúde pública e assistência social. Libâneo (2012) ao tratar da problemática da escola pública como espaço de acolhimento social, destaca a importância de se observar que a perspectiva de redução da escola a um espaço de assistência e integração social compromete o seu reconhecimento social como espaço de acesso à cultura e ciência produzidas e acumuladas pela humanidade. Para além do atendimento às necessidades imediatas, é importante refletir que as questões emocionais relatadas dizem respeito a uma demanda social coletiva advinda do contexto da pandemia, em que se observou um ampliação do abismo social que marca o modo de produção capitalista.

A categoria empírica “escola como espaço de importância e não reconhecimento” se apresenta por meio da contradição entre a centralidade que ainda é atribuída à escola, enquanto instituição formativa primordial, e a desvalorização de sua função educativa.

P3-E3 Fizeram com que a percepção deles sobre a própria educação, sobre as vantagens de se educar formalmente tenham sido reduzidas. Estou dando aula lá, mas daqui a pouco “Ô professor aqui tá falando na inteligência artificial, faltou o senhor colocar isso”. Então eles acham que ninguém mais precisa estudar. É só ir na inteligência artificial que você vai ter.

É possível observar que as reflexões dos participantes se direcionam ao vínculo entre a facilidade de acesso dos estudantes à Inteligência Artificial como recurso de aprendizagem e a ampla propagação da perda de centralidade da escola para a formação profissional. Centremo-





nos nessas duas dimensões. A primeira, relativa ao advento da inteligência artificial, aponta para novas mediações históricas que não estão circunscritas ao campo da educação, mas dizem respeito à uma totalidade de maior complexidade – a relação entre trabalho e educação no âmbito do modo de produção capitalista. Saviani (2007), aponta que no contexto da revolução industrial, as máquinas viabilizaram a materialização das funções intelectuais no processo produtivo, destacando a indissociabilidade entre o desenvolvimento das tecnologias e a inteligência humana. Nesse sentido, compreendemos que o uso da inteligência artificial como um elemento

de transformação na relação entre os estudantes e a função educativa da escola é um reflexo direto do constante processo de reorganização do capital, a partir demanda pela intensificação de lucros.

As falas das(os) professoras(e)s destacam ainda que os estudantes que têm acesso irrestrito às redes sociais compreendem que a escola já não apresenta importância significativa para a inserção no mundo do trabalho, tendo em vista que a formação escolar não os impede de ficar restritos a trabalhos de baixa remuneração e valorização social. Enfatizam que a isso se soma a propagação do discurso de glamourização de atividades remuneradas ligadas às redes sociais, a partir da significativa ascensão econômica dos chamados influenciadores digitais.

P2-E3 Trazem às vezes ilusões, né? Já tive aluno que falou “Não, eu quero ser influencer. E aí ela brigou comigo porque eu estava querendo obrigar ela. Ao mesmo tempo que isso parece uma coisa que a gente pode até dizer que ela está errada... De alguma forma, eu vejo que eles sentem o espírito realmente do que está acontecendo no momento histórico e de que eles realmente preveem que os empregos estão acabando e que o que é ofertado a eles é um trabalho que, independente da formação deles, eles vão ter.

P2-E3 Por um discurso. Que é colocado via redes digitais, onde você não tem a garantia de que uma educação formal vai dar alguma oportunidade para você também.

Esse processo de ressignificação da função social da escola vem acompanhado da emergência de outras determinações também vinculadas ao mundo do trabalho. A ascensão do neoliberalismo como novo estágio do capitalismo, a partir da crise estrutural da década de 1970, que se intensificou nos países latino-americanos a partir das reformas econômicas e educacionais da década de 1990, (Shiroma e Evangelista, 2002, Harvey, 2005), propagou no imaginário social um conjunto de valores imprescindíveis voltados a essa estratégia de





restauração do poder de classe, entre os quais se destaca o individualismo e a ideia de ascensão econômica associada ao esforço individual sem que se considere os condicionantes históricos e econômicos. Compreendemos, portanto, que a visão dos estudantes da superação da escola enquanto espaço formativo não tem caráter meramente subjetivo, mas está associada uma expressão de condições materiais de existência que adquire novas determinações com a significativa ampliação do alcance das redes sociais, em que casos isolados são tomados como evidências de uma possibilidade generalizada de ascensão que depende apenas do esforço individual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das falas das(os) professoras(es) revela que a escola no pós-pandemia é compreendida predominantemente como um espaço de acolhimento emocional, onde as demandas psicológicas de estudantes e famílias ganharam centralidade, refletindo uma possível insuficiência do atendimento público em saúde mental e assistência social. Por outro lado, esses elementos revelam a intensificação do trabalho docente, dado que à já acentuada carga de trabalho característica da profissão são adicionadas atribuições que extrapolam as demandas pedagógicas, nas quais já estão inseridas questões de ordem emocional. Essa reconfiguração da função escolar aponta para a necessidade de políticas públicas que garantam suporte adequado à comunidade escolar, além de políticas educacionais de valorização do trabalho docente que considerem as especificidades das demandas pós-pandemia.

Paralelamente, observa-se uma crise de reconhecimento da escola enquanto espaço formativo fundamental, agravada pela difusão e uso inadequado da inteligência artificial e pelo imaginário neoliberal que valoriza o individualismo e a ascensão econômica desvinculada da formação escolar.

Essas contradições refletem as determinações sociais do modo de produção capitalista, que atravessam a instituição escolar, conformando seus desafios e limites. A escola, no entanto, permanece como espaço estratégico para a formação da consciência social e para a





mediação de relações entre trabalho e educação numa perspectiva emancipadora (Gramsci, 2011).

REFERÊNCIAS

CURADO SILVA, Kátia Augusta Pinheiro Cordeiro; CRUZ, Shirleide Pereira da Silva. Projetos em disputa na definição das políticas da formação de professores para a educação básica. Revista Práxis Educacional, [s.l.], v. 17, n. 46, p. 1-16, 2021. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-26792021000300089

CURY, C. R. J. Educação e contradição: elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo. 4. ed. São Paulo: Cortez Autores Associados, 1987.

FRIGOTTO, Gaudêncio. A produtividade da escola improdutiva: um (re)exame das relações entre educação e estrutura econômico-social capitalista. Campinas, SP: Autores Associados, São Paulo: Cortez, 2018.

GRAMSCI, Antonio. Cadernos do cárcere. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. 6 v.

HARVEY, David. O neoliberalismo: história e implicações. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2014

KOSIK, Karel. Dialética do concreto; tradução de Célia Neves e Alderico Toríbio. Edição: 7. ed. Publicação: Rio de Janeiro : Paz e Terra, 2002.

Libâneo, J C. O dualismo perverso da escola pública brasileira: escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres. Educ Pesqui [Internet]. 2012 Jan;38(1):13–28.

OLIVEIRA, Priscila Borges Ribeiro; GAMA, Renata Prenstteter. Roda de Conversa: um instrumento metodológico tecnológico-formativo-coletivo na Pesquisa em Educação. Revista Educação e Políticas em Debate, Uberlândia (MG), v. 13, n. 2, p. 1–14, mai.-ago. 2024. DOI: 10.14393/REPOD-v13n2a2024-71286. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revistaeducaopoliticas/article/view/71286>. Acesso em: 28 jul. 2025.

SHIROMA, Eneida Oto; MORAES, Maria Célia M. e EVANGELISTA, Olinda. Política Educacional. 4 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SAVIANI, Dermeval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. Revista Brasileira de Educação v. 12 n. 34 jan./abr. 2007.



